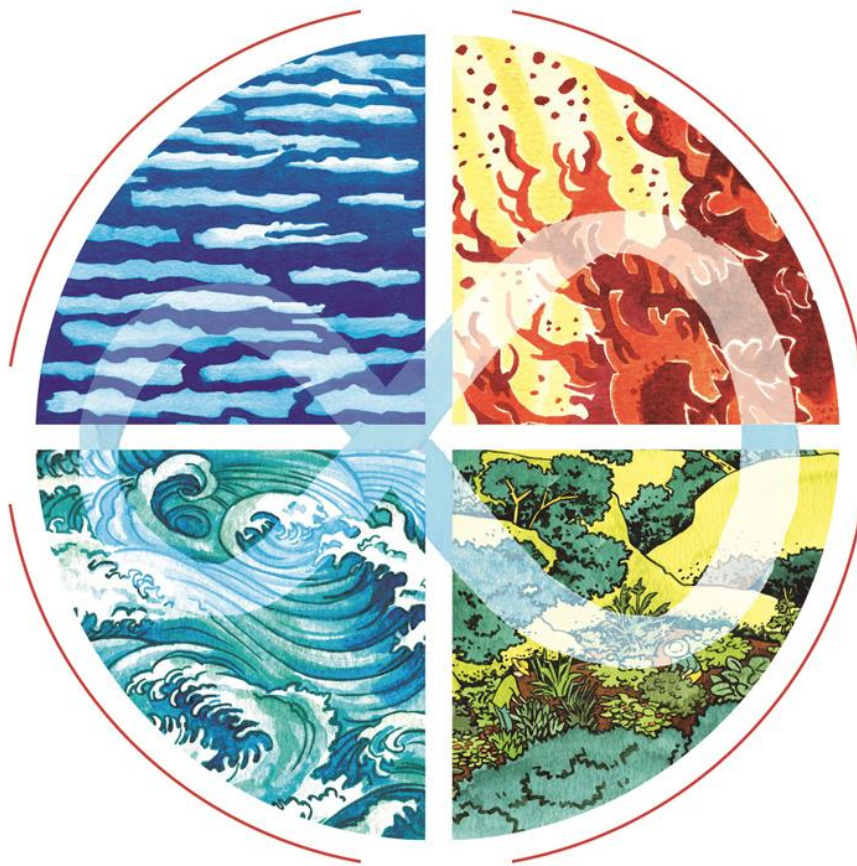


DESIGN DE CULTURAS REGENERATIVAS

DANIEL CHRISTIAN WAHL



Se eu tivesse uma hora para resolver um problema e minha vida dependesse da solução, eu passaria os primeiros 55 minutos determinando a pergunta correta a ser feita, uma vez que conheço a questão, poderia resolver o problema em menos de cinco minutos.

Atribuído a Albert Einstein

Prefácio da edição em inglês

David Orr

As culturas não são projetadas de cima para baixo da mesma forma que crescem organicamente debaixo para cima. Nós tentamos entender os vários acontecimentos através das lentes da história, da sociologia, da antropologia e, após passar tempo o bastante, da arqueologia. Mesmo que culturas não sejam concebidas como coisas inteiras e coerentes, adquirimos um talento para projetar o sistema bancário, o sistema educacional ou o próximo arranha-céus. As coisas são assim criadas, no entanto, mais para serem adaptadas à conveniência das estruturas existentes de poder e de riqueza sem levar em conta as outras partes ou o futuro. A incoerência resultante é fonte de muita confusão para os estudiosos.

Então, depois de vários milênios de tentativa, erro e acaso, nosso futuro está em risco. Tendemos para um mundo de, talvez, onze bilhões de pessoas, divididas por etnia, religião, renda e nacionalidade. Não gostamos muito uns dos outros – as perspectivas de conflitos são muitas. Desmoronamos nas emendas enquanto estados-nação parecem impotentes quando desafiados por cartéis de traficantes, cibercriminosos e organizações terroristas. Estamos cada vez mais conectados, interligados e mutuamente dependentes, mas muitas vezes incapazes de encontrar um propósito comum e agir para o bem-comum. Estamos presos entre as forças centrípeta e centrífuga da pós-modernidade. E o ritmo da mudança tecnológica se acelera, dando-nos pouco tempo para reflexão. Não menos importante, o clima muda rapidamente, extinguindo espécies, acidificando oceanos e destruindo ecologias inteiras.

Neste contexto, Daniel Wahl propõe “o design para culturas regenerativas”. A visão de um futuro projetado é fácil de descartar como qualquer outro esquema

utópico com a mesma chance de sucesso que o marxismo ou o fourierismo no século XIX. As diferenças, no entanto, são muitas.

Primeiro, em contraste com todas as eras anteriores, sabemos com certeza que o *business as usual* será suicídio. Isso tem sido dito tanto e por tanto tempo que parece banal e com o efeito de induzir o torpor em massa. Infelizmente, é real e devemos prestar atenção. Em segundo lugar, a situação global só piora; e não há mais lugares seguros em qualquer lugar da Terra.

Em terceiro lugar, como descreve Wahl, as artes do amplo design ecológico florescem. Transformam a agricultura, a construção, o transporte, a manufatura e o planejamento de maneiras compatíveis com as ecologias e os sistemas da Terra. As características comuns são o uso da natureza como modelo para o design, o maximizar o uso da energia solar, a preservação de diversidade cultural e responsabilidade sobre custo total. O design ecológico não é mais uma perspectiva distante, acontece em todo o mundo. É prático, não teórico. Tem grandes consequências políticas, mas é em si não ideológico, nem liberal, nem conservador – simplesmente para frente. Também afeta a economia, a prestação de contas e o comportamento dos investidores e corporações. Mas o design ecológico ainda vai mudar a política e calibrar a governança respeitando processos e sistemas ecológicos.

Em quarto lugar, o design ecológico transcende a existência ocidental. Não é sinônimo de engenharia ou ciência. Pelo contrário, é um compêndio de toda a experiência humana da agricultura, da construção, da engenharia, do planejamento e da manufatura. A antiga fazenda javanesa ou sistema balinês de água, por exemplo, demonstrou habilidades de design notáveis, que em alguns momentos excedeu o nosso próprio design. É em parte verdade porque o design dos fluxos de recursos de água e de materiais coincidiu com normas culturais e religiosas de maneira que nós, em nosso mundo mais compartimentalizado, achamos incompreensível. O design daquela região incluía seres humanos, animais, terras e águas como sistemas inteiros ordenados por sistemas religiosos complexos. As falhas são muitas, mas os resultados, na maioria das vezes, é duradouro por séculos. O fato é que há muito a aprender sobre o design de sistemas inteiros em outras culturas e em outros tempos.

Em quinto lugar, o design é uma revolução de sistemas que é a arte de ver as coisas inteiras e o respeito de nossas ações junto com suas prováveis consequências. Dada a complexidade de todos sistemas e nossa inescapável ignorância, uma perspectiva sistêmica requer humildade e precaução. Significa trabalhar em uma escala menor, digamos assim, o bairro, a fazenda, a fábrica, antes de generalizar para sistemas em escala maior. Alterar a escala também altera o sistema e assim por diante. Pensar em sistemas por longos períodos de tempo é a revolução do nosso tempo. Em comparação, todos os nossos novos *gadgets* e invenções envelhecem. Somos, como Wahl habilmente descreve, partes de totalidades maiores: ninguém e nenhuma organização pode ser uma ilha isolada em si. O resultado é que o pensamento sistêmico nos leva ao autointeresse esclarecido com o qual entendemos o nosso bem-estar e que o florescimento humano é coletivo, não individual; a longo, e não a curto prazo.

Em sexto lugar, seja ele reconhecido ou não, o pensamento sistêmico é o significado central de religião – "religar" em latim. Vivendo em uma cultura secular, tendemos a não ver conexão, mas, no entanto, é inescapável. A "ética da terra" de Aldo Leopold e as regras de comportamento decente prescrito em cada uma das religiões axiais têm mais de uma coincidência semelhança com as regras do design esclarecido. Somos os guardiões dos irmãos e também dos ursos, das baleias, dos pássaros, dos solos, das árvores, das terras e das águas; e eles são os nossos. Todo o sistema é atento, iniciado pela consideração.

A palavra "regenerativa" no título deste livro significa um compromisso com os processos de vida inerentes ao design ecológico. Isso, também, é recíproco, mútuo e inescapável. Também traz a ordem do escritor do Deuteronômio para "escolher a vida" [30:19]. Quer seja por interesse próprio ou por dever, essa ordem requer que compreendemos e valorizemos a existência e os processos de vida, tornando-nos ecologicamente administradores competentes de terras, fauna, solos, águas e de que cuidamos.

Daniel Wahl compilou uma grande quantidade de informações úteis em uma síntese magistral. Por si só, isso uma conquista significativa, mas ele nos deu mais. *Design de Culturas Regenerativas* descreve a porta para um futuro possível e necessário de fato. Em perspectiva, não somos fadados à distopia. Temos, como ele

escreve, a capacidade de projetar e organizar nossas sociedades para proteger, melhorar e celebrar a vida. A planta baixa estava lá o tempo todo. Cresce em nós a consciência de nossas possibilidades. A arte e as ciências do design ecológico desabroçam. Como sempre, a escolha é nossa para aqueles que virão depois.

DAVID ORR é *Paul Sears Distinguished Professor of Environmental Studies and Politics* da Oberlin College e *James Marsh Professor* na University of Vermont

Introdução

Eu não sei você, mas fiquei desapontado com a forma como a humanidade entrou no novo milênio. Não me refiro aos últimos 15 anos. Em retrospecto, esses anos poderiam ser resumidos como "o copo está cheio". Metade do copo está cheio de histórias de esperança e bondade humana; e a outra metade está cheia de desespero com o que ainda estamos fazendo um com o outro e com a Terra. O que eu quero é falar sobre o real começo do milênio.

Tivemos a oportunidade como espécie, como humanidade, de nos unir e refletir sobre a história como chegou até agora, fazendo um balanço, ouvindo o que realmente queremos para nós mesmos, nossas famílias, os lugares e comunidades com que nos preocupamos. Tal processo de ouvir e perguntar mais profundamente as questões importantes poderia ter ajudado na criação de uma base para conceber o futuro – um futuro que todos gostaríamos de cocriar enquanto uma família humana.

Sim, houve a Avaliação Ecológica do Milênio. Mostrou que a nossa espécie deu uma falhada alarmante na administração planetária; e, sim, havia os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs) com os quais as Nações Unidas chegaram a concordar. Espero que possamos reunir mais entusiasmo coletivo pelos novos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). O processo mais elaborado e promissor que ocorreu no período que antecedeu o novo milênio, em termos de um diálogo significativo sobre os valores e as aspirações compartilhadas pela humanidade, foi a criação da Carta da Terra. Infelizmente, não foram muitos os chefes de Estado – e, mais importante, também poucos de nós – que notaram ou deram a importância que ela merecia. Como um todo, começamos o século 21 ainda com o "business as usual" ao invés de iniciar um diálogo transcultural global sobre as amplas realidades de viver juntos em um planeta finito, confrontados com o rápido crescimento da complexidade e da incerteza.

Comecei o século 21 com um compromisso comigo mesmo. Faria o meu melhor para fazer parte da solução e não o problema. Inicialmente, isso me levou a inscrição no Mestrado em Ciências Holísticas no Schumacher College, que levou à obtenção de uma bolsa de estudos da Universidade de Dundee, onde eu escrevi minha tese de doutorado em Design para a Saúde Humana e Planetária, analisando uma perspectiva participativa sobre complexidade e sustentabilidade. Em 2006, eu visitei o professor David Orr, que havia participado da minha banca de doutorado, em sua casa em Oberlin, Ohio. Entrevistei-o sobre sua visão do design ecológico como uma disciplina integradora que poderia permitir a transição para a sustentabilidade. Naquela conversa ele plantou a semente para este livro.

Ao mesmo tempo, sugeri que, a fim de cocriar uma história com significado suficiente para guiar a transição, "teremos que decidir não apenas como nos tornamos sustentáveis, mas por que devemos ser sustentados. Isso é muito mais difícil". Neste processo, seremos confrontados com questões muito mais profundas de significado: "Quem somos nós? O que nós somos? Nosso papel aqui neste planeta era simplesmente escavar carbono e liberá-lo na atmosfera e depois expirar? Era disso que estávamos falando?". Acrescentou: "Se nosso debate não vai além da linguagem da economia neoclássica, estamos acabados! Porque você não pode fazer um argumento econômico para a sobrevivência humana, você tem que fazer um argumento espiritual para a sobrevivência humana. Nós valemos a pena e somos dignos disso no sentido maior".

Precisamos fazer a pergunta mais profunda de *por que* valemos a pena sustentar. Nossas respostas serão informar *como* fazemos as perguntas mais operacionais e implementar respostas e soluções. Esse questionamento mais profundo determinará como podemos iniciar ações sábias que nos ajudem na transição para culturas regenerativas. Começar com o *por que*, nos ajudará a entender nossa motivação, propósito e metas mais profundos. Precisamos questionar as crenças que moldam nossa visão de mundo. Apenas começando com o *por que* vamos inspirar as pessoas a mudar de comportamento e cocriar culturas regenerativas.

É urgentíssimo que nos unamos para conversar sobre que futuro queremos para a humanidade. Precisamos refletir sobre as mudanças individuais e coletivas

a fim de criar tal futuro. Ao nos unirmos para fazer essas perguntas, podemos *vir* a entender que teremos que colaborar como espécie e aprender a transcender e incluir nossas diferenças se quisermos um futuro próspero para toda a humanidade. Fazer as perguntas importantes sobre “por que” e “e se”. Precisamos redescobrir o terreno comum da *comunidade* humana. Isso nos permitirá cocriar um valor futuro no qual valerá a pena viver. Precisamos de uma narrativa coletiva sobre *quem* somos e *por que* valemos a pena, uma história compartilhada poderosa o bastante para nos manter inovadores, criativos e colaborativos à medida que questionamos o *que, como, quando* e *onde*.

Comecei o novo milênio com uma promessa de ouvir mais profundamente; ouvir por que tão poucas pessoas se aproximam da transformação necessária à frente; ouvir por que eles se comportavam de tal forma, como eles viam o mundo, por que tantas das suas histórias terminaram com “é assim que é” ou “isso é apenas a natureza humana”. Eu também prometi que prestaria atenção especial ao tipo de perguntas que poderíamos fazer para nós mesmos em nossa longa jornada de aprendizado rumo ao desenvolvimento mais sustentável, regenerativo e próspero.

Este livro é sobre o que aprendi ouvindo profundamente e vivendo essas questões. Analiso como podemos *viver* desse jeito, em vez de conhecer nosso caminho para o futuro, como pararíamos de perseguir a miragem de certeza e do controle em um mundo complexo e imprevisível. Como podemos colaborar na criação de diversas culturas regenerativas adaptadas às condições bioculturais únicas de cada lugar? Como podemos criar condições propícias para vida?

DANIEL CHRISTIAN WAHL
Es Molinar, Maiorca
Março de 2016